

**ESSE NEGÓCIO DE LIVROS**  
**EPISÓDIO 08 – LITERATURA TIPO EXPORTAÇÃO**

**01:00:17:05**

**VINHETA DE ABERTURA**

Todo autor sonha em ser traduzido

O que faz um livro ser exportável, ser publicado no exterior, é a grande pergunta.

Nós buscamos publicar bons livros e tentamos, quando é o caso, vender bons livros fora.

ESSE NEGÓCIO DE LIVRO

Episódio – LITERATURA TIPO EXPORTAÇÃO

**01:01:15:06**

**PEDRO ALMEIDA – Editor Faro**

Quando um país exporta literatura, ele exporta turismo, cultura, divulga a língua. Quantas pessoas ficam curiosas em conhecer produtos do país, viajar pelo país ou fazer negócios com o país, à partir de um livro.

**01:01:33:01**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Essas editoras que tem já prévio interesse em literatura estrangeira, perguntando pra editora por que é que ela compra. Algumas vão dizer: “Ah, eu quero uma coisa exótica que traduza o Brasil.” Só que o que traduz o Brasil na cabeça dele, tem que ser a lá Jorge Amado.

**01:01:54:05**

**RAPHAEL MONTES - Escritor**

Eu ministro alguns cursos de escrita para jovens escritores, e eu percebo que há uma tendência de alguns escritores de escreverem livros passados nos Estados Unidos, numa cidadezinha no interior no Estado de Nova York, ou uma cidadezinha na França. E eu acho engraçado isso, porque, o que eu sempre digo a eles, provavelmente tem algum escritor no interior do Estado de Nova York escrevendo melhor do que você, porque ele conhece esse universo e você não conhece. Mesmo que você tenha ido lá, mesmo que você entre no Google Maps para ver, você não conhece o universo. Então eu acho importante que o escritor escreva sobre aquilo que ele conhece. Eu acho que essa autenticidade que é importante. É essa autenticidade que as editoras estrangeiras procuram quando compram um livro de qualquer país.

**01:02:46:24**

**LUIZ RUFATTO – Escritor**

Mas pra mim literatura não é o sobre, não é o tema. Literatura é o como. Como você escreve sobre determinada coisa?

**VIDEOGRAFISMO**

A VENDA PARA O EXTERIOR

**01:03:01:28**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

O autor brasileiro, ou tem um bom agente literário fora, ou tem uma editora brasileira que o represente fora. Acho que esse é o passo número um para ter alguma chance de ser editado fora do Brasil. O mercado de direitos literários é muito network, enfim, é muito, muito formado pela rede de relações de editores e agentes, enfim, então a opinião de um editor conta muito. Enfim, se você como editor recomenda vivamente um livro pra um colega seu de fora, e ele confia no seu gosto, acredita no que você publica, ele tende a ouvir você e portanto a ler esse livro de coração aberto. Ele confia na sua opinião.

**01:03:47:19**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Quando eu estou vendendo os livros do Luís Fernando Veríssimo, eu tenho como dizer – vendeu alguns milhões de exemplares. Já foi pra cinema, já foi pra isso. Eu tenho o que apresentar. Mas em muitos casos eu não tenho. O que eu tenho é o quê? A minha paixão pelo livro, ótimas resenhas, prêmios, “colts” de autores importantes, não sei o quê e tal, e aí você leva pra fora uma parte do livro traduzido. Um capítulo, dois capítulos, o que for, algumas resenhas traduzidas, e aí você leva para essas editoras que tem já prévio interesse em literatura estrangeira. Editoras que estão efetivamente buscando livros, e tenta vender teu peixe.

**01:04:35:07**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

Agentes ou editores vão à feiras, estão em contato com seus pares no exterior, com editores e agentes, e divulgam o trabalho dos autores. No nosso caso, enfim, desde que a Penguin, e hoje Penguin Random House se associou a companhia, certamente há um intercâmbio muito maior de ideias, e nós temos um acesso melhor a editores dentro do grupo, e conseqüentemente conseguimos, enfim, temos as portas abertas para divulgar nossos autores e nossos livros fora. E conseguimos muita coisa, enfim, conseguimos emplacar aquisições de direitos de nossos livros dentro do grupo e fora. A Brazilian Publisher Association esse ano em parceria com a CBL criou uma nova categoria no Jabuti que é Premiação de Livros Brasileiros Editados Fora. E dois deles foram, tanto editados no Brasil pela Cia., quanto tiveram a intermediação dos direitos estrangeiros agenciada pela Cia. Ford. Então nós vendemos os direitos desses livros no exterior. Um dele foi “Um copo de cólera”, do Raduan Nassar, publicado pela Penguin inglesa, e outro “Irmão Alemão”, do Chico Buarque, lançado pela XXXX, que é uma editora holandesa.

**01:06:08:17**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

O editor vai na feira, encontra com essas editoras todas, porque o fato de eu ter um cliente, não significa que esse meu cliente não vai falar com o mercado. Ele vai falar com o mercado, a gente estimula, a gente apresenta pessoas. Diz: “Ó do Brasil você precisa, pelo seu perfil, pela tua lista, você deve encontrar com o Fulano, Fulano, Fulano e Fulano.” E aí essas editoras leem os catálogos e tal, e aí nos fazem pedidos. E a gente tem também mantém o nosso site os catálogos atualizados, as listas de direitos e tal, de todos os nossos clientes. Então a qualquer momento você pode ir lá e ver – “Bom, essas são as novidades do semestre.” Em geral é por semestre. Você tem os livros do primeiro semestre. Giram em torno da Feira de Londres, e os livros do segundo semestre giram em torno da Feira de Frankfurt.

**01:07:01:02**

**RAPHAEL MONTES - Escritor**

Todos os meus contratos foram firmados através da Luciana Villa Boas, que é uma agente literária. A função dessa figura, agente literária, é justamente dentro do país, escolher para aquele autor a melhor casa editorial, e na medida em que o livro está publicado no Brasil, tentar vender esse livro para cinema e televisão, e tentar vender esse livro para outros países. Há também a figura do coagente. Que são agentes em determinados países, que trabalham em parceria com o agente literário no Brasil.

**01:07:40:10**

**JOSÉ LUIS TOREIRO – Escritor**

O brasileiro ficava fazendo uma tese sobre o “Terra Papagali”, e eu tinha uma amiga que estava ajudando ele na tese. Aí eu mandei livros de presente para essa amiga chilena. Ela leu alguns, gostou muito do “Uma história de futebol”, e ela por esforço próprio, ela é uma professora de criança, começou a bater nas portas das editoras e tentar vender o livro, conseguiu vender, e o livro vendeu muito, hoje vende mais no Chile do que no Brasil. Então, se depender da minha impressão, a gente consegue traduzir lá fora com relações pessoais mais que tudo.

**01:08:17:12**

**LUIZ RUFATTO – Escritor**

Todos os meus livros, todos, sem exceção, tirando o livro de poemas, mas todos os outros livros de ficção eles estão publicados no exterior, uns mais outros menos. O mais, sem dúvida alguma, o mais, o que teve mais edições foi o “Eles eram muitos cavalos”, ele está publicado em nove países, sendo que em alguns deles ele tem várias edições, inclusive em três deles ele tem edição de bolso, que na Europa um livro para virar edição de bolso é porque o livro vendeu muito. Então ele tem edição de bolso na França, na Finlândia e na Alemanha. Eu poderia te dizer assim, que dez por cento dessas traduções eram por meio da minha agente. Noventa por cento vieram por caminhos dos mais estranhos possíveis. O editor da Macedônia, que é um país de três milhões de habitantes, com escrita do cirílico, não é nem escrita no alfabeto latino, que tem um mercado editorial minúsculo, ele estava em Frankfurt, e ele estava vendo os livros, o quê que havia de títulos disponíveis, e ele achou curioso o título “Eles eram muitos cavalos”. Ele achou estranhíssimo. E aí então, ele comprou uma edição em inglês, e ele entregou para uma leitora da editora, uma leitora profissional, e ela leu o livro em inglês, ela achou o livro muito legal e sugeriu a ele que publicasse o livro. Então, o livro saiu na Macedônia e nem foi à partir do português.

**VIDEOGRAFISMO**

**COMPRANDO DE FORA**

**01:09:54:27**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Por quê que nós compramos um livro americano? Porque ele já foi testado no mercado americano ou o autor já é conhecido. Você de certa maneira está comprando uma coisa que já, já foi testada no mercado. Principalmente no mercado americano e inglês. Eles são muito eficientes nessa venda para o exterior. Basicamente você está tentando trazer livros que você já tem uma certa ideia de que aquilo ali vai dar certo. A gente recebe informações de um modo geral com muita antecedência. Quer dizer, é muito comum a gente vender um livro que não está nem publicado ainda, e às vezes nem escrito. Às vezes você tem uma página, você tem três páginas. Enfim, chegou um livro novo, a gente está conhecendo ele pela primeira vez, a gente leu o que dá, quando é um romance, a gente tenta ler o máximo possível pra ver que editora poderia se interessar, e aí tem esse trabalho de pensar. Quer dizer, a gente não manda tudo pra todo mundo. A gente vê: Esse livro tem a cara de quem? Quem poderá se interessar por esse livro?

Aí a gente oferece, a gente faz uma submissão mesmo do livro. E aí, espera as respostas, as pessoas vão nos dizer: “Poxa, interessantíssimo. Quando chegar material manda.” Ou, às vezes já começa ali mesmo uma oferta, uma negociação. Mas a gente também recebe muito pedido.

**01:11:22:26**

**JIRO TAKAHASHI – Editor Executivo Nova Aguilar**

Você já tem o seu foco. Você já tem o tipo de linha editorial que você está procurando. Então você procura agentes que atuam nesse seguimento, nesses autores, nessas linhas, e você faz o contato com eles. Vão chover propostas originais, livros pra você examinar.

**01:11:49:18**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Muitas das editoras, provavelmente as maiores, tem o que se chama de “scout”, que é um profissional, que é o grande olheiro do mercado. Ele está vendo todas as novidades, está vendo tudo de importante que está surgindo. E esses “scout” também são alimentados pelas editoras e agências literárias, do que elas tem, do que elas vão lançar, do que elas estão contratando e tal. E aí esses “scout” fazem uma seleção do que é melhor, mais interessante, e tal, e fazem “reports” e mandam para as editoras que eles representam em cada, pra cada território. Então, todas essas editoras, Globo, Recorde, Rocco, Cia., todos eles tem “scout”. Então muitas vezes vem o pedido também da editora.

**01:12:40:13**

**VINHETA ESTAMOS APRESENTANDO**

**01:12:54:16**

**VINHETA VOLTAMOS A APRESENTAR**

**VIDEOGRAFISMO**

**TRADUÇÃO**

**01:13:07:26**

**PEDRO ALMEIDA – Editor**

Acho que o nosso grande problema de ter mais obras traduzidas no passado, era a falta de tradutores de português. Tradutores de qualidade. Antigamente a língua portuguesa nas universidades era quase como uma língua morta. E começou por causa do boom econômico que o Brasil viveu e apareceu para o mundo, muita gente interessada em produzir. Ele foi tema de grandes feiras por duas ou três vezes. Duas em Frankfurt, Londres, Paris duas vezes. Cada vez que isso acontece, gera uma necessidade de publicação dos países convidados naquele idioma. E aí então gera demanda. Mexe com as escolas de idiomas, mexe, porque todo mundo quer fazer negócio com o Brasil. A literatura vira um canal importante que faz essa mediação.

**01:13:55:22**

**LUIZ RUFATTO – Escritor**

Qualidade de uma tradução, melhor ou pior qualidade de uma tradução, vai depender muito da qualidade de maior ou menor do tradutor. E o quê que o tradutor, no meu ponto de vista, faz? Na verdade ele faz uma leitura profunda do livro, e à partir dessa leitura ele quase que reescreve o livro na língua de chegada. E evidentemente, não basta você conhecer a língua de partida. Não basta você conhecer o português do Brasil para você se tornar um bom tradutor. A parte mais importante na verdade, é a sua sensibilidade

de artista, porque o tradutor, o bom tradutor também é um artista, é a sua sensibilidade de saber transformar aquilo que está na língua de partida, naquilo que vai estar na língua de chegada.

**01:14:45:20**

**MIRIAN IBANEZ – Tradutora e ghost writer**

O ponto principal além de conhecer a língua estrangeira, é você conhecer muito bem a sua língua. Então, pra traduzir de um espanhol para o português, ou do inglês para o português, antes de mais nada eu tenho que saber bem o sentido na minha língua e ter condições técnicas de sensibilidade para traduzir exatamente o que o autor disse.

**01:15:11:19**

**PEDRO ALMEIDA – Editor**

É seguramente um segundo autor. É ele que vai dar a dimensão daquele sentimento, daquela arte em outro idioma.

**01:15:27:18**

**MIRIAN IBANEZ – Tradutora e ghost writer**

Normalmente eu me preparo antes. Se eu tenho, sei lá, um livro sobre uma região da Espanha, isso já aconteceu. É um país que por sorte eu conheço bastante. Então é importante que você saiba até como as pessoas andam na rua, como aquilo se movimenta, qual é a cultura. Porque há países em que de uma região para a outra muda muito a forma de ser. Eu acho importante pesquisar sim. Eu não traduzo direto assim. Mas, o fundamental é compreender perfeitamente o que o autor quer dizer, para não ser um traidor.

**01:16:14:15**

**PEDRO ALMEIDA – Editor**

Quando um livro é muito literário a editora internacional tem o cuidado de colocar o tradutor em contato com o autor, para evitar algum tipo de equívoco ou de expressão. Isso pode acontecer em qualquer língua. Com o português, que é um idioma menos traduzido, então esse cuidado tem se mostrado interessante. Porque já houve muitos casos no passado de problemas assim, gritantes. Quando a tradução estava num outro nível. Hoje melhorou bastante.

**01:16:42:21**

**LUIZ RUFATTO – Escritor**

Eu já tive livros, e não só um, alguns livros meus foram traduzidos, em que o tradutor simplesmente traduziu e não manteve qualquer tipo de contato comigo e o resultado, um dos melhores resultados na verdade, foram aqueles em que houve contato. Não porque eu vá palpitar, inclusive porque eu não sei alemão, não sei finlandês, enfim, não posso palpitar numa língua que eu não tenho a menor ideia. Mas não é essa a questão. É que à parti do diálogo há um aprendizado no comum. Tanto eu aprendo a respeito dos meus livros, quanto o tradutor também aprende. E esse diálogo é muito profícuo nesse sentido. E para mim as melhores traduções foram exatamente aquelas em que houve uma conversa muito honesta e muito profunda entre eu e o tradutor. Eu acho que eu fui muito privilegiado porque alguns dos meus livros tiveram grandes tradutores.

**01:17:48:29**

**JOSÉ LUIS TOREIRO – Escritor**

A tradução, aliás a edição fora, acho que acaba passando muitas vezes por um caminho pessoal. Então, existia a **Reid Good Martin**, que era uma agente alemã, que conhecia muito bem o Brasil, muito bem os

escritores brasileiros e tal. Ela leu “Terra Papagali”, e achou que poderia interessar para a Alemanha, e realmente ela conseguiu vender o livro para a Alemanha. Muitos outros escritores foram traduzidos por conta da Reid Good.

**01:18:15:25**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Eles compram de tudo na verdade. Esses nossos grandes autores são todos publicados em alemão. E eles tem um mercado editorial fantástico. É enorme, muito rico, então, desde as editoras maiores às menores e coisa e tal, eles procuram publicar os brasileiros. Compram os clássicos, compram um pouco de tudo. Mas o tudo ainda é pouco pro nosso tudo.

**01:18:45:04**

**LUIZ RUFATTO – Escritor**

Foram vários fatores que confluíram para que a tradução da edição alemã seja, digamos, a mais conhecida. Não só pelo fato de que o Michael Kegler realmente um tradutor de primeiríssima qualidade. Ele ganhou, quando do lançamento do “Eles eram muitos cavalos” na Alemanha, ele ganhou o prêmio mais importante da, na Alemanha tem vários prêmios, mas, é o mais importante prêmio de tradução pro alemão. Foi a primeira vez que um livro de língua portuguesa ganhou essa prêmio, e em 2016, aí no caso eu e ele, nós ganhamos um prêmio, que também foi a primeira vez que um autor não europeu ganhou, que foi o prêmio Hermann Hesse, que eu acho justíssimo porque esse prêmio ele dá, ele é concedido não só ao escritor mas ao tradutor. E eu sempre falei: “É claro que tem que ser assim.” Porque se não fosse o tradutor eles não conheceriam o meu trabalho evidentemente. Os alemães leem em alemão, não leem em português.

**01:19:48:19**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

O Rufatto é um autor que divulga muito bem sua obra no exterior. Ele participa de diversas feiras, festivais. Ele é uma presença constante em eventos literários fora e claro que isso ajuda. Ele vai todo ano, enfim, a diversas feiras, faz leituras. É um autor que tem uma participação realmente ativa na divulgação da sua obra fora do Brasil.

**01:20:16:01**

**RAPHAEL MONTES - Escritor**

Uma coisa que eu acho muito curiosa é que dos países que meu livro foi traduzido os que mais ele fez sucesso foram Polônia e República Tcheca, que são dois universos absolutamente distintos do nosso. O “Dias perfeitos” na Polônia ele entrou na lista dos mais vendidos. E eu consigo saber disso não só porque o editor me avisa, mas como eu mantenho contato com os leitores através das redes sociais, eu vejo, por exemplo, no Instagram, quantos leitores poloneses me marcam nas publicações. E não entendo nada do que está escrito, espero que eles estejam falando bem, mas eu acho interessante como essa cultura, totalmente diferente da nossa recebe bem o livro. Na República Tcheca a mesma coisa. Uma das edições mais legais que eu recebi, e que foi feita através do coagente da Luciana Villas Boas, é a edição de Taiwan, que é uma edição cheia de caracteres chineses. Eu recebi o exemplar, vi que a revisão estava perfeita, e foi muito legal, porque é justamente você ver o seu livro chegando ao universo que você nunca antes tinha pensado.

**01:21:27:24**

**MIRIAN IBANEZ – Tradutora e ghost writer**

Para a tradução, as línguas, a diferença que possa existir do inglês ou do espanhol para o português, é irrelevante. O que importa é a obra. Eu acho que cada obra tem uma dificuldade específica.

**VIDEOGRAFISMO**

**DIFICULDADES**

**01:21:51:21**

**OTÁVIO MARQUES – Publisher Companhia das Letras**

É muito difícil vender direitos de brasileiros fora. E é difícil por várias razões. A primeira delas eu acho que é linguística. Pouca gente lê português fora. Então há pouquíssimos leitores de português em editoras, em agências literárias. Então é vencer a barreira linguística é o primeiro desafio.

**01:22:14:08**

**JOSÉ LUIS TOREIRO – Escritor**

E aí você tem que traduzir, gastar do seu bolso, uma coisa incerta. Quantos escritores podem fazer isso? Pagar de antemão a tradução a tradução.

**01:22:23:08**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Traduzir autores brasileiros para o exterior, a gente entra com toda uma gama de dificuldades que não tem mais tamanho. Primeiro que boa parte do que a gente quer vender não foi um sucesso aqui no Brasil. Você pega qualquer autor literário desses que, ganhou Prêmio São Paulo, prêmio Portugal Telecom, prêmio isso, prêmio aquilo, você vai, o editor me pergunta – “Ai, que maravilha, que bom e tal! Quero ele. E quantos livros vendeu no Brasil?” “Cinco mil. Três mil.”

**01:22:52:05**

**PEDRO ALMEIDA – Editor**

Conheço muito casos de livros que não fizeram sucesso aqui e foram exportados. Porque havia interesses específicos. Às vezes uma editora, sobretudo universitárias, que buscam na verdade livros que estão, um pouco do exercício da linguagem. Porque há um olhar muito de editoras universitárias em busca de livros em português do Brasil.

**01:23:16:27**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Você pega por exemplo os alemães, eles publicam, 60% dos que eles publicam é de autor alemão, 40% é de autor estrangeiro. Desses 40%, 30% é de autor de língua inglesa, aí sobram 10%. Dos 10% vão ser franceses que eles traduzem à beça, vão ser turcos que eles traduzem, vão ser espanhóis, língua espanhola que eles traduzem à beça. Sobra para a língua portuguesa assim tipo meio por cento. E desses você concorre com os portugueses e com os africanos, que tem coisas sensacionais, da melhor qualidade. Então no final você vai encontrar uma editora que publica um brasileiro por ano. E aí você concorre com todos os outros brasileiros. Se você oferece uma coisa que pareça o Brasil que eles esperam que o Brasil seja, é mais fácil, só que não é isso que a gente está oferecendo. Nossa literatura é riquíssima, vastíssima, abraça todos os temas, então, é difícil à beça.

**01:24:28:28**

**PEDRO ALMEIDA – Editor**

A publicação de um livro ou a compra dos direitos desse livro para vários países, é um tipo de premiação. Premiação pelo trabalho assim. É aquela coisa de pegar uma agulha no palheiro, assim. É tão difícil conseguir que quem consegue se sente premiado. Pelo trabalho, pelo trabalho editorial, pelo trabalho da curadoria da edição.

**01:24:49:11**

**LÚCIA RIFF – Agente literária**

Resumindo, eu acho que a gente vende qualidade. A gente vende o que é muito bom. Então, sucesso de público muitas vezes a gente não tem. Mas que seja um sucesso de crítica, que seja um livro excepcional, que seja original no que ele está se propondo. Que seja um livro único. Mais do mesmo você não vende.

**CRÉDITOS FINAIS**